



**URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**

**Giselle Marie Chaim**

gisellecormier@gmail.com | Universidade de Brasília

## **Brasília construída em madeira:**

Residências de Zanine Caldas em Brasília 1963 – 1985

## **Brasilia built in wood:**

Residences by Zanine Caldas in Brasilia 1963-1985

## **Brasília construída en madera:**

Residencias del arquitecto Zanine Caldas en Brasília 1963 - 1985

**Resumo | Abstract | Resumen**

### **1. Introdução**

Ao falar de arquitetura em Brasília, é natural a associação ao projeto urbanístico e ao conceito da superquadra de Lucio Costa, além dos palácios e das formas inusitadas concebidas por Oscar Niemeyer e materializadas por meio do concreto armado (BRUAND, 1981). Apenas mais recentemente, estudos sobre a obra de outros nomes que também contribuíram para a formação do panorama da construção da cidade vêm sendo desenvolvidos, mas, de maneira geral, pouco se fala da produção em madeira desenvolvida na capital.

Alguns estudos se dedicam às construções temporárias realizadas nesse material e destinadas a suprir a demanda pela ocupação acelerada do território ainda nos primeiros anos de Brasília, tais como o Catetinho,<sup>1</sup> o antigo Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira e uma série de armazéns, lojas e residências construídos nos acampamentos pioneiros de bairros como a Vila Planalto e o Núcleo Bandeirantes - antiga Cidade Livre (ROSSETTI, 2012).

Existe, no entanto, uma série de projetos de grande valor construídos em madeira em Brasília. Trata-se de um conjunto de obras de autoria de José Zanine Caldas, arquiteto autodidata, designer de móveis e ex-professor da Universidade de Brasília, reconhecido no cenário arquitetônico nacional por representar a síntese entre os saberes empírico e erudito na construção. São residências particulares localizadas nas regiões dos Lagos Sul e Norte, que se destacam no quadro da construção em madeira pela variedade dos projetos, pela riqueza de detalhes, pelo entendimento particular da estrutura em cada uma e pela versatilidade no emprego do material (CHAIM, 2017). Esses projetos possuem aspectos que permitem a releitura de elementos e de soluções coloniais na construção moderna e simbolizam o desenvolvimento de Zanine como arquiteto ao longo das décadas de trabalho.

---

<sup>1</sup> Projeto de Oscar Niemeyer, o Catetinho foi construído em 1956 como a primeira residência do Presidente Juscelino Kubitschek em Brasília e era conhecido por "Palácio das Tábuas" por ter sido construído inteiramente em madeira. (ROSSETTI, 2012).

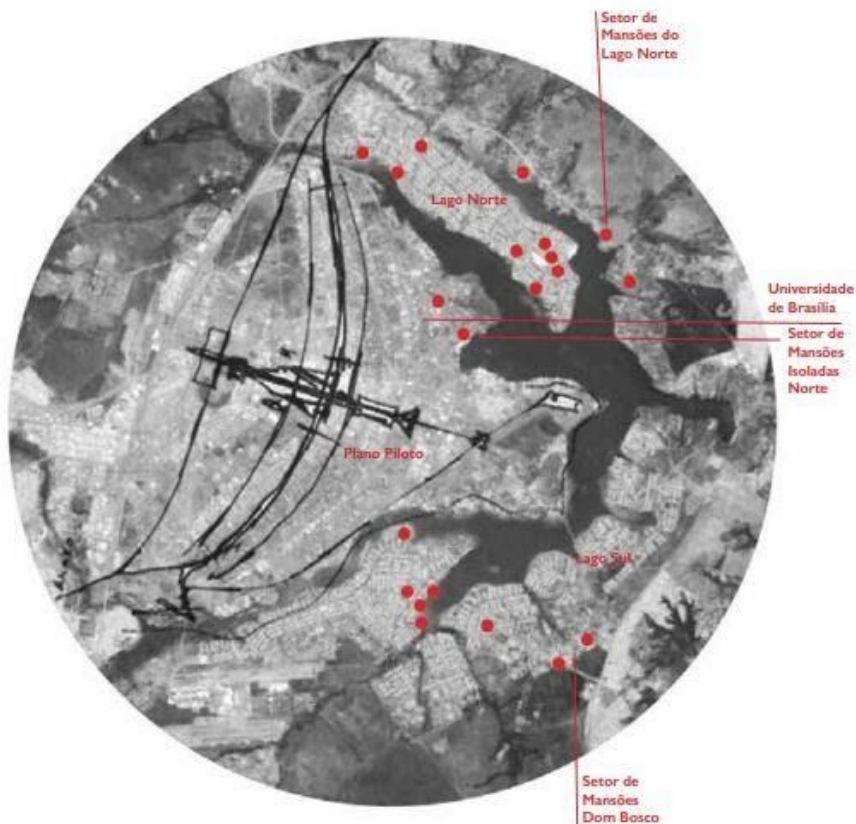


Figura 1: Mapa ilustrativo com as residências de Zanine Caldas identificadas em Brasília. Fonte: CHAIM, 2017, p.199

José Zanine Caldas nasceu em 25 de abril de 1919 em Belmonte, cidade do litoral sul da Bahia, situada na região de Mata Atlântica e às margens do Rio Jequitinhonha. Desde muito cedo, Zanine Caldas teve uma relação particular com a natureza e com a madeira e teve a habilidade de trabalhar com o material estimulada justamente pela variedade de espécies de árvores nativas disponíveis na região de Mata Atlântica onde nasceu (CHAIM, 2017).

Curioso, habilidoso e criativo durante a infância, fazia seus próprios brinquedos em madeira e presépios de natal para vender às famílias da cidade, aproveitando-se das sobras de caixas de seringas do pai, médico, e aprendeu os ofícios da construção com os mestres

carpinteiros e marceneiros que atuavam em sua cidade natal. Na publicação “Zanine: Sentir e fazer”, o próprio Caldas relata o seguinte:

No Rio comecei fazendo maquetes, mas eu comecei nascendo numa floresta, ou na Mata Atlântica, na Bahia. Era a mata mais importante da face da terra e que deu as melhores qualidades e essências de madeiras”. O Mestre Desde pequeno fui fascinado por quem fazia. O alfaiate que fazia roupas, a cozinheira que fazia comidas, o farmacêutico que fazia remédios, o carpinteiro que fazia mesas e cadeiras, o mestre-de-obras que fazia casas (...) Foi por aí, exatamente, olhando o fazer, que aprendi a fazer também. Sobretudo casas. A cidade vinha sendo construída e reconstruída, há muitos anos, sem arquitetos, com suas ruas retas e cheias de árvores, na beira do Jequitinhonha, quando nasci. Os mestres-de-obras conheciam o seu ofício (CALDAS, 1990 apud SILVA, 1995, s.p).

Apesar de ser peça importante no estudo da arquitetura moderna brasileira em madeira e de ter deixado como legado uma obra extensa que inclui além de móveis e objetos de arte e artesanato, construções importantes em que se destacam as diversas residências construídas no bairro da Joatinga, no Rio de Janeiro, não há muitos trabalhos que explorem a riqueza dos projetos arquitetônicos de Zanine Caldas e o valor de sua produção. Os projetos de Brasília são ainda menos acessíveis, apesar dos trabalhos de Chaim (2017), que se debruça sobre este tema, e de Carvalho (2018), que complementa a investigação anterior a partir do legado de Zanine no trabalho que desenvolveu na Bahia, mesmo que o período em que viveu na capital represente um importante capítulo de sua vida pessoal e profissional. Isso porque durante as cerca de três décadas em que esteve envolvido com a cidade (1958 a 1989), o arquiteto projetou e construiu mais de vinte residências em madeira, além de ter sido professor na Universidade de Brasília.

Dessa maneira, este artigo visa resgatar e documentar a atuação profissional de Zanine Caldas em Brasília, por meio da

apresentação de algumas casas projetadas e construídas na cidade. São três obras inéditas e representativas da obra do arquiteto, mas particularmente interessantes, já que foram construídas em décadas diferentes e mostram a evolução de seu trabalho, tanto em termos espaciais quanto no refinamento de elementos construtivos.

Com a intenção de evidenciar suas particularidades e as diferenças naturais entre projetos representativos de décadas diferentes, mas também as semelhanças e elementos comuns, os projetos foram apresentados a partir dos seguintes parâmetros: implantação e domínio do terreno; composição arquitetônica: partido, proporção e volumetria; expressão estrutural: modulação e ritmo; coberturas e forros; vedações e detalhamentos.

## 2. Residência 01 | Casa Cunha Campos, 1963



Figura 2: Fachada posterior da Casa Cunha Campos (1963).

Fonte: Elaborado pela autora.

A Casa Cunha Campos é a primeira residência de Zanine Caldas em Brasília e provavelmente seu primeiro projeto arquitetônico. De acordo com documentos localizados na Administração Regional do

Lago Norte<sup>2</sup>, o projeto da residência construída no Setor de Mansões do Lago Norte data de 1963, e o alvará de construção e carta de habite-se, de 1964.

Os documentos identificados na Administração Regional do Lago Norte estão em nome de Dilza da Silveira Dórea, primeira proprietária da residência e esposa de Zanine Caldas à época, o que comprova as informações coletadas em entrevista com o proprietário atual, de que o arquiteto e sua família moraram na residência.

À época professor demitido da Universidade de Brasília, devido ao Golpe Militar de 1964, Zanine precisava vender às pressas a residência onde morava com sua família para sair de Brasília. Sem antes conhecer o arquiteto, o Senhor Cunha Campos buscava um local afastado, que lembrasse as fazendas de Minas Gérias, sua terra natal, que tivesse acesso ao Lago Paranoá e onde pudesse aproveitar com a família durante os fins de semana. A identificação entre cliente e arquiteto foi imediata, conforme relatou o proprietário. Encantado com o trabalho minucioso de Zanine com a madeira e sua habilidade e sensibilidade em reproduzir características da arquitetura colonial em alguns detalhes da residência, a compra da residência em 1970 foi apenas o início de uma longa parceria entre cliente e arquiteto.

Zanine foi contratado para fazer a ampliação da casa de fim de semana, já que para abrigar a família com conforto havia a necessidade de prever mais quartos e banheiros, sem comprometer a singela e delicada fachada colonial. Reproduzindo, portanto, a linguagem utilizada no projeto original, a ampliação se deu por meio da proposta de um hall íntimo de entrada, que conecta internamente a área social, original, e a nova área das suítes (figura 2).

Nos anos 1980, surgiu a necessidade de construção de uma área de lazer próxima ao Lago, assim como de um pier. Zanine

---

<sup>2</sup> A pesquisa das residências de Zanine Caldas em Brasília se deu com a investigação em arquivos particulares de familiares do arquiteto, antigos proprietários, colegas e funcionários de Zanine, bem como em arquivos públicos e nas administrações locais, em Brasília. Além dos documentos, fotografias e projetos encontrados, foram realizadas entrevistas que auxiliaram no registro e na documentação dos projetos de Brasília. Quanto aos desenhos técnicos – plantas baixas, cortes e fachadas, todos foram refeitos com base em levantamentos físicos realizados in loco ou com base em desenhos antigos dos proprietários ou disponíveis nas Administrações Regionais.

novamente foi contratado para projetar a churrasqueira, marca indubitável de seu trabalho com coberturas e representante de uma nova fase, muito diferente da época em que projetou a residência principal. Em um mesmo lote, portanto, reconhecem-se não apenas algumas das principais características da obra de Zanine, que serão apresentadas mais atentamente a seguir, como também pode-se comprovar a evolução de sua produção ao longo das décadas.

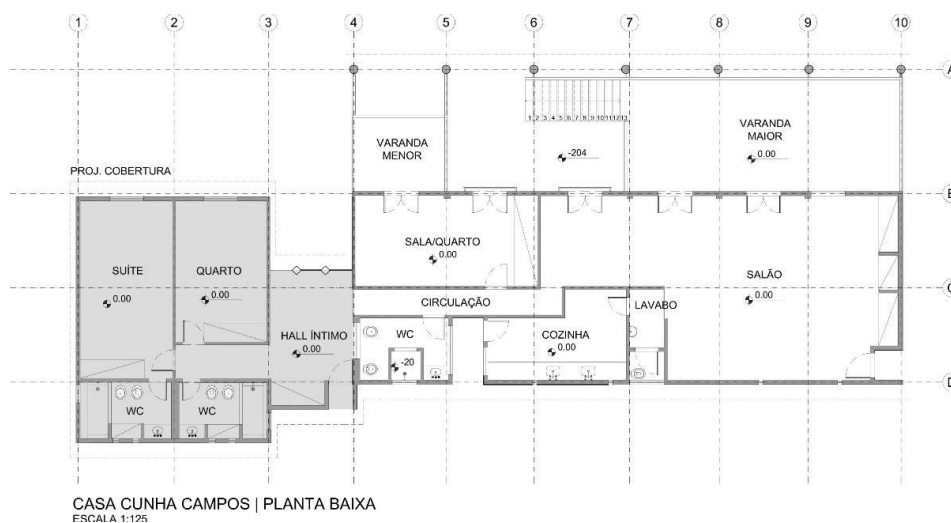


Figura 3: Planta baixa da Casa Cunha Campos, evidenciando (em cinza) a área adicionada nos anos 1970 ao projeto original. Fonte: Elaborado pela autora.

Para Cunha Campos, “o trabalho de Zanine com madeira é uma obra-de-arte, não por ser difícil, mas por ser genial”. Para o proprietário, Zanine sabia fazer arquitetura autêntica e trazer para suas casas as referências históricas que muitos buscavam na capital em formação e não encontravam na obra de outros arquitetos. A identificação foi tamanha que Cunha Campos passou a ser um patrocinador do arquiteto, ao recomendá-lo a amigos e encomendar outras casas em madeira. Foram diversos projetos em Brasília e redondezas, além de cinco casas em Portugal. Apenas uma foi construída, em Sintra, e trata-se do único projeto de Zanine Caldas concluído fora do Brasil.

Principal registro do projeto original de que se tem notícia, devido à falta de fotos antigas da residência, o filme Amor e Desamor (BRA, 1966, 90min), do cineasta fluminense Gerson Tavares, é um precioso documento para análise da Casa Cunha Campos. O filme foi gravado em sua maior parte no interior da residência e é um dos primeiros longametragens filmados em Brasília, com cenas da capital em formação e ainda em obras. É interessante observar a descrição da sinopse do filme, especialmente o que diz respeito à casa onde é filmada, destacada pela sua arquitetura singela e acolhedora, em meio à frieza da arquitetura da capital:

Amor e Desamor trata do desconforto existencial das pessoas que moravam à época em Brasília, uma cidade em formação ainda em busca de identidade. Por acaso, um homem e uma mulher se encontram numa noite, na casa dele, de madeiras e tijolos, entre árvores, fazendo contraste com o concreto, o vidro e o alumínio de Brasília (...) (METRÓPOLES, 2016, s/p)



Figura 4: Quadros capturados pela autora do filme “Amor e desamor”, mostrando cenas no interior da Casa Cunha Campos.

## 2.1 Implantação e domínio do terreno

Localizada no Setor de Mansões do Lago Norte, o lote de 135m<sup>2</sup> é ocupado por três construções, todas de autoria de Zanine Caldas e realizadas em décadas distintas. A implantação das construções valoriza e reforça a leitura da paisagem, em consonância



com a escala bucólica<sup>3</sup>, uma vez que a orientação dos edifícios se abre para a visual do Lago Paranoá, com a proposta de varandas na casa principal.

O terreno tem leve declividade e a casa principal está acomodada sobre embasamento em pedra natural (figura 1), que evidencia o desnível do terreno. No projeto de ampliação da área íntima, a demanda de evitar desníveis no interior da residência levou o arquiteto a reproduzir a solução do embasamento em pedra para nivelar a área de intervenção ao nível da sala de jantar existente. A pouca área pavimentada e a baixa ocupação do lote, mantidas pelo proprietário original, reforçam o propósito da residência ser uma casa de fim de semana. Há, nesse sentido, um grande reconhecimento por parte do proprietário da relevância da Casa Cunha Campos para a história de Zanine e de Brasília: sem grandes alterações no projeto original, a construção é pouco frequentada, mas é mantida diariamente por um caseiro.

## 2.2 Composição arquitetônica: forma, proporção e volumetria

O partido da casa principal é simples e linear, reforçando a leitura singela da construção e a remissão à arquitetura colonial, especificamente às casas de fazenda. A construção de apenas um pavimento com embasamento em pedra natural para contenção da declividade do terreno garantem ao conjunto uma leitura horizontal que relembra partidos de exemplares da arquitetura moderna em madeira, como os projetos de Oscar Niemeyer para o Catetinho, em Brasília, e de Lucio Costa para o Park Hotel São Clemente, em Nova Friburgo – RJ (ALVES, 2014).

A chegada social no salão principal se dá pela fachada lateral direita ou pela escada que conecta o jardim à varanda, forçando o

---

<sup>3</sup> Conforme defende no relatório do Plano Piloto, Lucio Costa concebeu Brasília com base em quatro escalas: escala “monumental, reservada para os prédios públicos mais importantes (...), residencial, na qual os blocos de moradia se assentam sobre pilotis (...), gregária, onde se situam os setores comerciais, bancários, hoteleiros (...) e a bucólica, que se faz sentir na passagem, sem transição, do ocupado para o não-ocupado. Em lugar de muralhas, a cidade se propôs delimitada por áreas livres arborizadas” (PLANO PILOTO 50 ANOS: CARTILHA DE PRESERVAÇÃO, 2007, p. 13).

percurso do visitante a partir da chegada ao lote. Estabelecendo a conexão espacial entre interior e exterior e a visual privilegiada do Lago Paranoá, o arquiteto posicionou na fachada posterior as varandas maior e menor, elevadas em relação ao terreno mas niveladas com a sala de estar (figura 4), assim como um pano de vidro emoldurado por pilares em madeira de seção retangular girados em 45 graus, que marca a transição entre a área original e a expansão proposta após 1970 (figura 5). A abertura em vidro no hall social pode ser entendida como uma reprodução da intenção das varandas do projeto original, de garantir a permeabilidade visual e a leitura da paisagem no terreno.

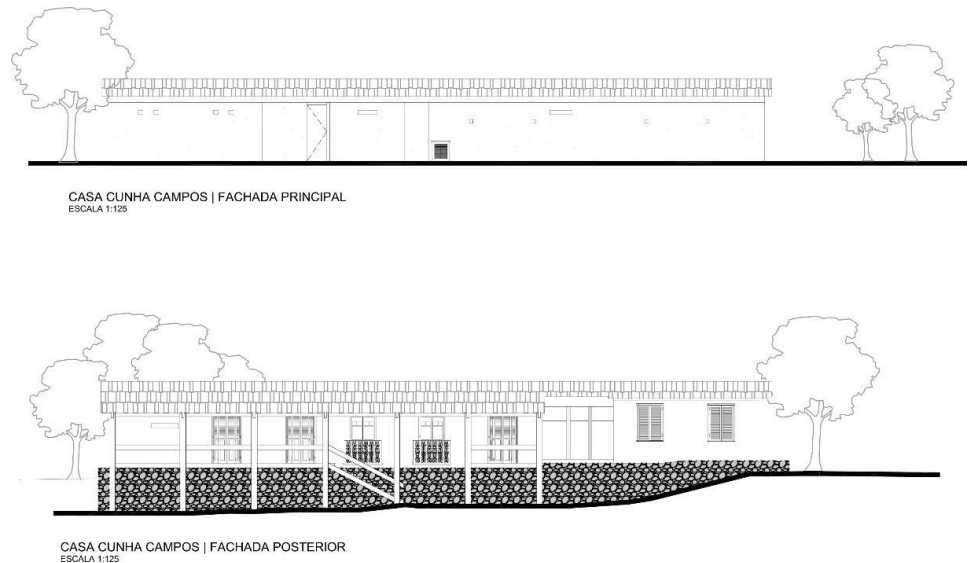


Figura 5: Fachadas principal e posterior da Casa Cunha Campos.  
Fonte: Elaborado pela autora.

O acesso de serviços se dá pela fachada principal, diretamente na cozinha. A ampliação da residência permitiu a criação de um quarto acesso à residência, que a partir da fachada principal chega ao hall íntimo e permite entrada tanto aos quartos como ao salão, por meio do corredor central. Identifica-se claramente a divisão do espaço da residência, com áreas para serviços, banheiros e cozinha

voltadas para a fachada principal e os quartos e salões voltados para a fachada posterior. A circulação interna entre os cômodos se dá pelo corredor central único.

### **2.3 Expressão estrutural: modulação e ritmo**

A leitura estrutural da Casa Cunha Campos é bastante simples, identificável a partir da modulação dos pilares de seção circular que marcam as varandas na fachada posterior (figura 4). As peças em aroeira de 30cm de diâmetro são originais e estão dispostas em módulos de aproximadamente três metros no sentido longitudinal. A modulação estrutural foi seguida na área de ampliação, conforme indicado na planta baixa. No sentido transversal, é provável que a casa se estruture em alvenaria estrutural coincidente com as paredes. São perceptíveis as vigas estruturais em madeira no perímetro da residência e as peças em madeira que sustentam a estrutura de cobertura, apenas na varanda.

As fachadas principal e posterior são bastante distintas entre si: a primeira é fria, na medida em que não apresenta elementos ou surpresas. Os acessos são reentrantes, recuados dos limites da fachada, tanto na área da cozinha como na chegada ao hall íntimo. Opaca, tem como acabamento alvenaria com reboco rústico branco e a viga estrutural em madeira aparente. É recortada por pequenas aberturas em vidro, sem requadros ou ferragens aparentes, de alturas e tamanhos diversos, que correspondem às esquadrias de banheiros e da sala. A proposta de Zanine relembra a interpretação de Le Corbusier para a capela de Ronchamp, em que a luz passa pelas aberturas distribuídas na fachada, que parecem acender determinados pontos de luz de acordo com a hora e a orientação solar.

Já a fachada posterior, que se abre para o Lago Paranoá, apresenta mais materialidade e uma nítida semelhança com as fachadas da arquitetura colonial. Seguindo a modulação estrutural, as

portas duplas de acesso às varandas marcam o ritmo da fachada. Na ampliação da residência, as esquadrias dos dois quartos adicionados também respeitam a modulação estrutural e reproduzem esse propósito.

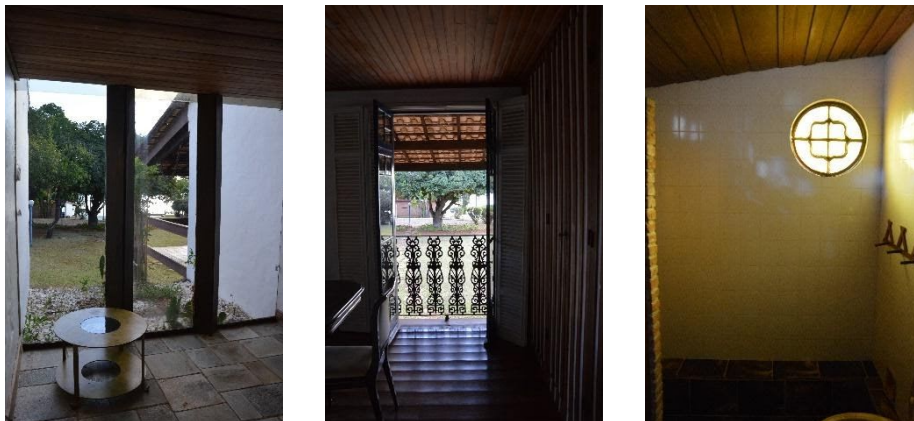


Figura 6: Sequência de fotos que mostra a conexão entre o interior e o exterior.  
Fonte: Elaborado pela autora.

## 2.4 Coberturas e forros

“Os telhados muito simples sobre o corpo principal, mas que se articulavam com flexibilidade, a fim de englobar varandas e demais dependências, sempre evitando lanternins ou coroamentos com mansardas” (COSTA, 1937 in: BRUAND, 2010, p.124). A descrição de Lucio Costa dos telhados da tradição construtiva brasileira, que se refere a elementos “merecedores de um estudo mais aprofundado, tendo em vista uma eventual integração de certos elementos à arquitetura contemporânea” (BRUAND, p.124), parecem descrever bem a cobertura da Casa Cunha Campos.

Em todo o perímetro da residência, o telhado é delicadamente desenhado e assume um papel importante na leitura de seu conjunto a partir das fachadas principal e posterior. Simples, divide a inclinação em apenas duas águas e marca, de fato, a obra como uma fase inicial de Zanine Caldas, que mais à frente, elabora estruturas complexas de cobertura e forros. Delimita e envolve o corpo da construção com beiral mínimo, apenas para proteger as paredes da chuva e se revela

sem forramento na varanda elevada disposta na fachada posterior. As pernas das tesouras, caibros e terças são em madeira aparente, e estão dispostas em grelha na varanda atual, assim como as vigas principais. Observa-se pelas fotos originais obtidas do filme “Amor e Desamor”, entretanto, uma diferença na composição da estrutura de base das telhas, assim como reparos em madeira que indicam possível destelhamento para reparos e manutenção do telhado, com alteração da inclinação original. As telhas originais também foram modificadas.

Os forros internos têm um trabalho primoroso de acabamento e de integração entre os espaços. Nos ambientes originais (salões e cozinha), o forro é em ripas de pinho-de-riça de demolição. Nos espaços criados após a ampliação da residência (hall íntimo, quartos e banheiros), o forro em madeira também está presente, dessa vez como um elemento que integra a arquitetura ao mobiliário, na medida em que se transforma nas portas de armários, também com acabamento em pinho-de-riça (figura 6).

## 2.5 Vedação e detalhamentos

As paredes em alvenaria fazem o fechamento dos ambientes e garantem à residência seu aspecto de introspecção em relação ao exterior, a não ser pela porção vidrada da fachada posterior, no hall íntimo, que permite a visual do Lago Paranoá (figura 5).

O acabamento externo é em reboco rústico com pintura branca. Por dentro, a maioria dos espaços também tem os acabamentos em tijolo aparente pintado em branco ou reboco simples com pintura branca. Os banheiros são revestidos em azulejos simples e a cozinha e o lavabo têm nas paredes azulejos decorados, com padronagens típicas dos anos 1960.

As esquadrias são provenientes de demolições e são todas em madeira. Nas varandas, portas de abrir são dispostas simetricamente em relação à fachada, uma vez que têm os eixos coincidentes à

metade dos módulos estruturais marcados pelos pilares que sustentam a cobertura. Definem, portanto, a centralidade dos módulos perceptíveis da residência, o que também se repete com as janelas de abrir da área de expansão à esquerda da casa.

Quando não acessam os pisos elevados, as portas têm um delicado gradeado em ferro com acabamento natural que faz as vezes de guarda-corpo, também proveniente de demolições. Todas as portas têm os requadros em madeira pintada de azul, e aquelas que dão acesso às varandas dispõem de portas duplas em venezianas fixas também pintadas em azul, que permitem ventilação natural ao ambiente interno. Nas fachadas laterais, o arquiteto usa da mesma linguagem utilizada na fachada principal, das aberturas simples e transparentes, que garantem iluminação natural aos interiores. Dessa vez, são aberturas circulares também em esquadrias sem qualquer ferragem ou moldura.

Conforme relato do proprietário atual, a maioria dos materiais da residência foi obtida de demolições nas proximidades de Brasília, e o hábito do arquiteto de aproveitar estruturas antigas de demolição foi reproduzido por ele em obras posteriores. Na Casa Cunha Campos, Zanine fez uso de alguns tipos de madeira, entre elas aroeira, aquariquara e ipê tabaco, além do pinho-de-riça presente na maioria dos forros e armários. As portas e janelas foram adquiridas em demolições de São Paulo e trazidas para instalação na residência, assim como luminárias.

Muito além das estruturas de vigas e pilares aparentes, dos pisos, dos forros e das esquadrias, a madeira está presente como material de construção em inúmeros detalhes da residência, a começar pelo guarda-corpo das varandas elevadas. Em estrutura original de madeira em perfil I, à distância a peça parece ser realizada em estrutura metálica, devido a seu acabamento e cor.



Figura 7: Ambientes internos da residência, que mostram detalhes dos forros, esquadrias e fechamentos. Fonte: Elaborado pela autora.

### 3. Residência 02 | Casa Bettiol, 1974



Figura 8: Fachada principal da Casa Bettiol. Fonte: Elaborado pela autora.

A Casa Bettiol talvez seja a obra de Zanine Caldas mais conhecida e registrada entre as construções realizadas na capital. O projeto de 1974 foi construído em quatro anos durante uma obra meticulosa e muito particular, em que todas as peças estruturais em madeira maciça, assim como esquadrias, portas, vidraças e detalhes, foram esculpidos e produzidos *in loco*.

O terreno próximo ao late Clube de Brasília foi adquirido no início dos anos 1970 pelo casal Bettiol, que sempre desejou ter uma casa pavilhonar e que valorizasse a paisagem privilegiada do Lago Paranoá. Zanine atendeu ao pedido dos clientes, que se tornaram seus grandes amigos, ao propor uma casa construída em blocos independentes, mas também conectados entre si por meio de varandas em passarelas cobertas.

A família Bettiol prioriza a preservação diária da residência. Mesmo com a exigência dos reparos, necessários a qualquer

residência, e em especial os cuidados que uma casa de madeira de cerca de 40 anos exige, a proprietária é categórica ao afirmar que *"nem um parafuso foi mudado"* na casa, em relação ao projeto original. Desde sua construção, não foram realizadas grandes reformas, a não ser melhoramentos em redes de infra-estrutura, além da instalação e um painel em azulejos de Athos Bulcão em uma das paredes da varanda e na cozinha - intervenções aprovadas por Zanine.

A noção de preservação do patrimônio que a casa simboliza para Brasília parte principalmente da proprietária, Betty Bettiol, que comentou em entrevista: *"Eu sou dona do autêntico, e fico infeliz se eu tiver que trocar (algo). Por mim, eu mantenho até onde der, só quando não dá mesmo e aí tem que trocar. O restauro é quase uma mania para mim"*.

Os Bettiol não tinham morado em uma casa de madeira antes, mas sempre gostaram do fato de a madeira ser eterna. Betty comenta que, para ela, *"madeira (...) é a única coisa que, se você cuidar e se não tiver nenhum problema, não morre"*. Foi porque conheceram o trabalho de Zanine na Joatinga que quiseram ter, eles também, uma casa aberta, que aliasse a robustez e rusticidade da madeira in natura com a leveza dos panos de vidro que se abrem para a paisagem. Talvez sejam, de fato, leveza e rusticidade as melhores características que definem a Casa Bettiol.

O relacionamento com o arquiteto foi muito próximo durante a obra e após ela. Como já não morava mais em Brasília quando construiu a residência dos Bettiol, Zanine fazia visitas periódicas à obra e confiou a construção àquele que o acompanhou por vários anos a seguir, o mestre José Araújo. Vindo de Petrópolis exclusivamente para construção da residência, o mestre carpinteiro aprimorou as técnicas de construção e adaptou o método de trabalho em madeira aprendido com Zanine na Joatinga, para as construções de Brasília.

Conforme relatou Betty Bettiol, talvez um dos poucos pontos de divergências entre a cliente e o arquiteto tenha sido o fato de



Zanine desejar para a residência a maior permeabilidade visual possível ao propor uma planta livre de vedações opacas, de modo que a transição entre os espaços fosse perceptível gradualmente (figura 8). A cliente, por sua vez, gostaria de mais espaços para dispôr quadros e obras de arte. Zanine, então, decidiu incluir duas paredes laterais, fechando a perspectiva na sala de estar.

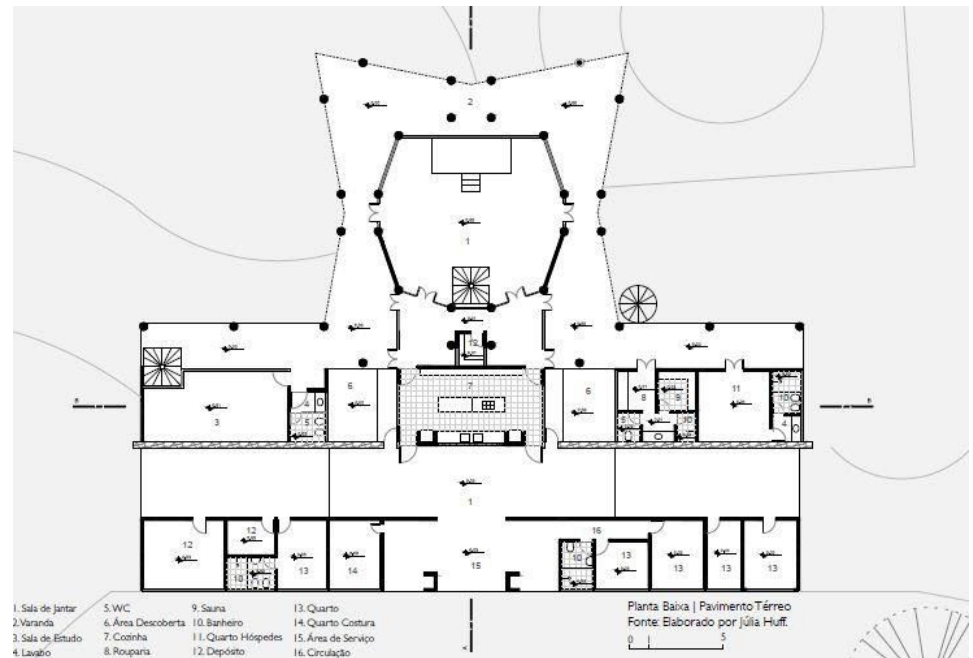


Figura 9: Planta baixa do térreo.  
Fonte: Elaborado pela autora.

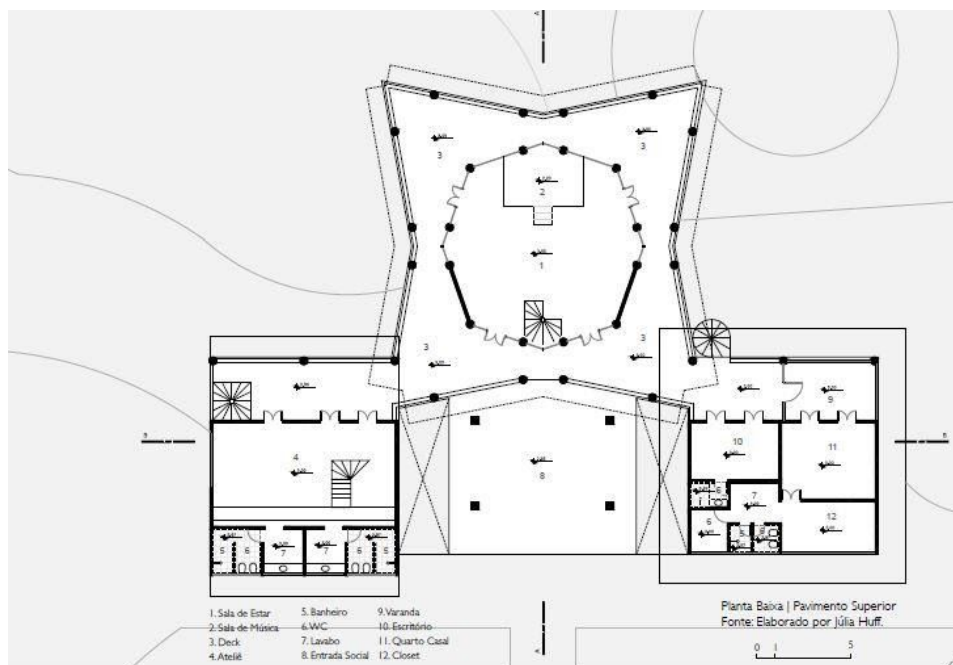


Figura 10: Planta baixa do primeiro pavimento.  
Fonte: Elaborado pela autora.

Cientes da relevância que sua casa tem para Brasília e para o trabalho de Zanine, os proprietários fazem questão de ressaltar a genialidade de Zanine e a representatividade da construção que habitam: *"Eu não me considero dona dessa casa. Brasília me presenteou com muita coisa, eu tive muita sorte nessa cidade. E o Zanine era uma pessoa tão desprendida como eu, e se ele fez e eu cuidei, eu não sou dona porque paguei; eu sou dona porque cuidei"*.

### 3.1 Implantação e domínio do terreno

Localizada no Setor de Mansões Isoladas Norte, o lote é basicamente ocupado pela casa principal, apesar da existência de algumas pequenas construções posteriores e instalações de arte. A implantação foi cuidadosamente pensada por Zanine, com a intenção de privilegiar a paisagem do Lago Paranoá e do horizonte livre, à distância. Isso fica claro pela liberação do terreno de outras construções e de qualquer obstrução da visual.

A fachada principal é basicamente constituída de panos de vidro encaixilhados pelas esquadrias de madeira, que garantem a completa permeabilidade visual entre o interior e o exterior da residência. O paisagismo também colabora para a relação com a paisagem, já que se mantiveram árvores de grande porte atrás da residência e área verde livre a partir da fachada principal.



Figura 11: Fachada lateral da Casa Bettiol, que ilustra a hierarquia entre os espaços e a abertura da varanda principal para a paisagem. Fonte: Elaborado pela autora.

O terreno foi manipulado pelo arquiteto, para garantir a monumentalidade à construção e para evidenciar a hierarquia existente entre os espaços de serviços e sociais no térreo, e áreas íntimas e nobres, como os quartos e o grande salão de estar, no pavimento superior. Zanine criou um declive de cerca de três metros que divide e marca as possibilidades de acesso à residência: ao seguir pela passarela em madeira que prossegue, o visitante pode entrar na residência pelo pavimento superior e acessar o salão de estar e os dois blocos de quartos. Ao seguir acompanhando a inclinação do terreno, pode adentrar a área de serviço e cozinha, por meio da

passagem coberta para veículos e carga e descarga, ou passar sob as varandas cobertas em direção à sala de jantar.

Dessa maneira, Zanine deixou claros os possíveis acessos, assim como fez com a disposição espacial dos cômodos na residência: social, de serviço ou íntimo. No entanto, criou uma situação inusitada para a residência, como menciona a proprietária: *“uma das coisas que mais me fascinou foi que eu era uma pessoa que tinha uma casa na qual não tinha porta de entrada; eu posso entrar por onde quiser”*.



Figura 12: Em sentido horário, fachadas principal, lateral direita, posterior e lateral esquerda. Fonte: Elaborado pela autora.

### 3.2 Composição arquitetônica: forma, proporção e volumetria

A casa Bettiol é organizada em três construções espacialmente independentes: dois blocos de partido ortogonal, em que se encontram os quartos e ateliês do casal Bettiol na fachada lateral esquerda e dos filhos na fachada lateral direita, e um bloco de planta octogonal em que se localizam o salão de estar no pavimento superior e o salão de jantar no pavimento inferior (figuras 8 a 11).

Em termos de volume, os blocos ortogonais têm mais peso e materialidade devido à composição com superfícies ora opacas ora transparentes. Neles, Zanine propõe uma inversão: no bloco da direita, o térreo tem fechamento em panos de vidro, e o pavimento superior é uma superfície opaca. Já no bloco da esquerda, onde se

localiza o quarto do casal, o arquiteto sugeriu a criação de uma varanda vidrada no nível superior, enquanto o térreo possui apenas algumas esquadrias em madeira.

O volume principal de planta octogonal, que constitui a sala de estar no nível superior e a sala de jantar, no térreo, é aberto por meio da marcação de cada uma das arestas em esquadrias de vidro com caixilhos em madeira. Recuado em relação aos limites da fachada, é cercado pelas varandas abertas cujo desenho acompanha a composição da cobertura e que marcam o espaço de transição entre os ambientes interno e externo.

Os pontos de maior proximidade entre as arestas do bloco interno com o limite da varanda têm circulação de 1,5m e nos pontos de maior distância, a circulação é de cerca de 6,5m. O arquiteto reproduz a ideia das varandas nos dois blocos ortogonais, assim como na fachada posterior da residência, já que é por meio desse artifício que possibilitou a conexão entre os blocos independentes - uma demanda dos proprietários.

Em termos de proporção, o contrabalanceamento visual pretendido por Zanine, por meio da inversão de volumes translúcidos e opacos, e do recuo das fachadas por meio da liberação com varandas, garante uma certa leveza entre as dimensões de largura e altura, mesmo que o peso da construção em madeira ainda seja preponderante.

### **3.3 Expressão estrutural: modulação e ritmo**

Os blocos periféricos têm modulação clara, marcada pelos pilares em madeira de seção circular 40cm, espaçados em vãos de aproximadamente 5m. Essa modulação prossegue tanto nas varandas dos dois blocos quanto no acesso ao salão de estar do pavimento superior. A única diferença é que, nas varandas, as estruturas de sustentação das coberturas estão alinhadas, mas, no

espaço de transição, os pilares, agora em seção quadrada 40x40cm, se encontram levemente recuados.

O bloco central tem apurada modulação. Percebe-se que o posicionamento das estruturas foi calculado para que enquadramentos e visuais intencionais fossem criados. Assim, os pilares locados no desenho octogonal que delimita o espaço fechado do salão de estar superior são concêntricos e simetricamente distribuídos em torno do traçado imaginário que corta o plano octogonal do salão. Nos limites das varandas, novos pilares foram adicionados, de modo a garantir a estrutura da cobertura, que em alguns pontos se estende em vãos superiores a 6m. Em cada ponta da cobertura, uma dupla de pilares de mesma seção circular auxilia na estrutura e se distribui simetricamente em relação ao eixo imaginário que conecta as quatro águas.

Assim como em outros projetos de Zanine Caldas, é curioso notar como as fachadas têm aspectos e tratamentos muito diferentes. A fachada principal é marcada pela alternância entre cheios e vazios obtidos devido às superfícies ora translúcidas e ora opacas, principalmente pela presença das varandas periféricas que acompanham todo o perímetro do pavimento superior. Já a fachada posterior e as fachadas laterais, são predominantemente opacas, em que sobressaem as vedações em alvenaria pintada de branco com aberturas para ventilação e iluminação com requadros em madeira.

É, portanto, como se o arquiteto pretendesse garantir maior hierarquia inclusive visual para o bloco central, protagonista em relação à construção e ponto central para a apreciação da paisagem. As circulações verticais são importantes elementos na leitura do ritmo das fachadas, já que cada bloco dispõe de uma escada, mas são todas diferentes entre si.

### 3.4 Coberturas e forros

As coberturas e forros da residência Bettiol já representam uma fase de maior evolução no tratamento e aproveitamento das possibilidades da madeira, se comparadas ao que Zanine realizou na Casa Cunha Campos, uma década antes. Percebe-se grande influência das soluções de cobertura que o arquiteto encontrou para as casas da Joatinga, no Rio de Janeiro, com os beirais avantajados e grandes vãos, além de detalhes primorosos nos forros (figura 12).

Na casa Bettiol, a cobertura octogonal sobre o salão de estar provoca um jogo de ilusão de ótica na interpretação da cobertura do bloco. O desenho estrelado das varandas se reproduz no desenho da cobertura e parece dividir a inclinação em oito águas, mas a disposição radial das vigas, apoiando-se na peça de compressão central, deixa clara a inclinação em quatro águas. Sobre as varandas a estrutura do telhado é o esquema habitual de vigas paralelas apoiadas nos faróis periféricos e de cume. Todo o perímetro da cobertura possui beirais de 1,5m, em que as telhas são sustentadas pelas vigas em perfil duplo que se estendem a partir da viga de amarração dos pilares.

Nos blocos ortogonais onde se localizam os quartos e o ateliê, o arquiteto propõe soluções diferentes, já que, no bloco da esquerda, reproduz a solução de cobertura em quatro águas e, no bloco da direita, opta pela divisão da inclinação em duas águas. Essa diferenciação entre as coberturas reforça o rompimento da simetria naturalmente existente entre os dois blocos laterais em relação ao bloco principal.

O tratamento dos forros em madeira em todos os blocos, assim como das estruturas aparentes de sustentação das telhas, é impressionante na casa Bettiol. Em cada um dos blocos, o arquiteto propôs soluções distintas e igualmente refinadas no trato da madeira.



Figura 13: Detalhes de forros internos e dos beirais.  
Fonte: Elaborado pela autora.

### 3.5 Vedações e detalhamentos

Zanine criou espacialidades na Casa Bettiol, que provocam sensações distintas em cada ambiente, devido, em grande parte, às opções diferentes de vedações e fechamentos. Assim, ao mesmo tempo em que o salão de estar é amplo e permeável, devido aos grandes panos de vidro que envolvem o ambiente, os quartos são fechados e intimistas, com poucas aberturas. Ressaltam, novamente, a hierarquia entre os espaços, explicitada pelo arquiteto, de modo que os ambientes sociais e de estar se abrem para o exterior, enquanto os ambientes íntimos se fecham.

Todas as esquadrias da residência são em madeira e, como relata a proprietária, foram produzidas no canteiro de obras. Apesar de não ter usado madeiras de demolição, diferentemente da Casa Cunha Campos, as esquadrias da Casa Bettiol também lembram janelas e portas da tradição colonial, pelo seu desenho e pelos requadros em madeira.

Para a sala de estar, Zanine elaborou uma estratégia para garantir a ventilação natural dentro do ambiente, apesar dos grandes panos em vidro que vão do piso ao teto. Assim, rente ao piso, o arquiteto criou esquadrias em madeira que se abrem pelo sistema de guilhotina, para climatizar o ambiente interno. Acima dessas



estruturas que se abrem, os painéis de vidro têm peças em madeira que os estruturam e garantem os grandes vãos e o pé-direito.

Todas as portas e esquadrias foram desenhadas no canteiro de obras. Isso porque, como confirma a proprietária, *"como os troncos são diferentes, não foi possível comprar quarenta portas todas iguais. Cada porta era uma porta, (assim como os) vidros, cada vidro foi feito para seu espaço"*.

A Casa Bettiol tem grande riqueza de acabamentos e no emprego dos materiais de construção, pensados para valorizar a imponente arquitetura em madeira. Todos os pisos no pavimento térreo, assim como revestimentos de parede e do teto arqueado, são em tijolos aparentes e marcam as áreas de serviço, cozinha, quartos de empregados e depósitos. A marcação de piso no térreo reforça a integração com o jardim e as sensações de permeabilidade e de fluidez entre os espaços, já que o piso em tijolos cerâmicos acompanha a projeção das varandas e entra, inclusive, para o salão de jantar. No pavimento superior, o piso é em tábuas corridas tanto nas varandas quanto nos ambientes internos.

Outro detalhe desenvolvido por Zanine para os fechamentos diz respeito aos guarda-corpos desenhados exclusivamente para a Casa Bettiol (figura 12). Além das estruturas à altura de 1.10m, o arquiteto elaborou um segundo elemento em madeira para descanso dos pés daqueles que se apoiarem nessas estruturas para apreciar a paisagem. São os mobiliários partes integrantes da arquitetura, muito comuns em obras de Zanine a partir da década de 1980.

A madeira é, portanto, onipresente na casa Bettiol. Além das estruturas aparentes de vigas e pilares, pisos e forros, mobiliários fixos como bancadas e balcões e móveis também estão espalhados pela casa, mesmo em áreas molhadas como banheiros e cozinhas.

#### 4. Residência 03 | Casa Cunha, 1984

Morar em uma casa de madeira não era, necessariamente, um sonho do casal Cunha. Após comprarem em 1984 o terreno de 20.000m<sup>2</sup> à beira do Lago Paranoá, procuravam um arquiteto para construir a casa nova. Mesmo pesquisando o trabalho de outros arquitetos, ao conhecerem a casa Bettiol, tiveram certeza que o profissional escolhido para projetar sua residência seria Zanine Caldas.

Um amigo engenheiro do casal, que também foi responsável por acompanhar a obra, fez o primeiro contato com o arquiteto, que fez questão de marcar um encontro para conhecer os proprietários. Como relata a proprietária, era essencial para Zanine conhecer seus possíveis clientes *"porque se não fossem pessoas simpáticas, não valeria a pena fazer o projeto"*. Dado o primeiro contato, selaram, então, o acordo para realização do projeto ainda em 1984. Zanine já não morava em Brasília e estava prestes a se mudar para a França quando começaram as construções da casa Cunha, o que impediu que estivesse presente com frequência na execução do projeto. Até por este motivo, a proprietária conta que o relacionamento entre os clientes e o arquiteto não foi de muita proximidade, nem prosseguiu após concluída a obra. Apesar disso, o arquiteto veio a Brasília algumas vezes, e realizou visitas para esclarecer ao engenheiro pontos do projeto e resolver questões que surgiam durante a execução do projeto.

Os clientes seguiram fielmente as propostas do arquiteto, que definiam o conceito do projeto em termos das fachadas, da cobertura e da implantação. Também mantiveram a estrutura que contava, originalmente, com esculturais pilares em Acariquara<sup>4</sup> maciça aparentes nos três níveis da residência. Mas encontraram problemas relacionados ao desgaste da estrutura após a obra e à infiltrações, por terem adquirido a Carapanaúba, uma espécie de madeira muito

---

<sup>4</sup> A Acariquara é uma árvore resistente e de grande porte, encontrada próxima aos igarapés da Bacia Amazônica. O nome popular deriva do tupi *Acari* = peixe cascudo e *Kuara* = buraco ou toca, e referência o aspecto rústico da madeira de construção, cheia de reentrâncias e veios aparentes.

Disponível em: <http://www.remade.com.br/madeiras-exoticas/118/madeiras-brasileiras-e-exoticas/acariquara>

parecida com a Acariquara, mas bem menos resistente, apesar de robusta e dura. Por serem mais suscetíveis ao apodrecimento, portanto, a solução encontrada pelos engenheiros para preservar as estruturas em madeira foi de criar sapatas em concreto em volta das bases dos pilares, que os clientes transformaram em bancos com assento em madeira.

A casa originalmente pensada para ter 700m<sup>2</sup> cresceu e o projeto foi finalizado com uma área de mais de 1.000m<sup>2</sup>, em que os proprietários ainda hoje moram. Trata-se de uma das mais espaçosas e generosas casas do arquiteto em Brasília.

A divisão dos espaços internos e a composição dos interiores da residência, no entanto, incomodaram os clientes. É que, para a proprietária, Zanine projetava espaços de circulação e banheiros e armários muito pequenos, insuficientes para as necessidades da família. Como comentou na entrevista, a proprietária entende que Zanine projetou sua residência como uma obra-de-arte em madeira, que não atende tão bem os quesitos de funcionalidade e praticidade do dia-a-dia.

Após finalizada a obra, os proprietários contrataram o arquiteto carioca Mathias Macier para redimensionar os espaços e projetar os interiores. Macier conduziu intervenções muito respeitadas ao projeto original de Zanine, que mantiveram a mesma linguagem e reforçaram a beleza das estruturas, esquadrias e detalhes em madeira projetados originalmente. O arquiteto carioca também foi eleito pela família Cunha para projetar construções anexas à casa principal, onde hoje funcionam a área de lazer e a churrasqueira e um salão para festas e eventos. Esses projetos também foram executados em madeira e as coberturas podem ser consideradas releituras do projeto original de Zanine para a casa principal.

Além das alterações realizadas nos interiores, os clientes modificaram o salão principal, na medida em que incluíram um mezanino, que hoje funciona como biblioteca e escritório do casal. A

escada que acessa os ambientes também foi alterada. Zanine havia previsto uma escada em ferro, que a proprietária substituiu por um modelo em madeira.

A manutenção da casa, entretanto, é algo que incomoda a proprietária, pelo fato de as peças em madeira exigirem cuidadoso e constante reparo. *"Gostamos muito da nossa casa, mas não tínhamos noção sobre a madeira, sobre o que o material pede como manutenção. Quando vimos a casa Bettiol, ficamos animados [por quererem prosseguir com o projeto de uma casa em madeira]. Mas entramos no projeto de uma maneira e saímos diferentes"*, comenta a proprietária.

#### 4.1 Implantação e domínio do terreno

A Casa Cunha localiza-se em lote duplo no Setor de Mansões do Lago Norte, em um terreno praticamente dominado pela casa principal, mas em que hoje também existem outras construções como a área de lazer e a piscina, o bloco de salão de festas e eventos, uma quadra de tênis e garagens de embarcações junto ao pier.

O acesso direto ao Lago Paranoá e a topografia acentuada foram elementos valorizados por Zanine no projeto da casa, que se abre com varandas que reforçam a visual privilegiada do lago (figura 13) Em termos da implantação no terreno, o arquiteto criou um bloco único, em que o acesso principal se dá no nível térreo, a partir do portão principal, e diretamente no salão de estar, como mostra a figura 14. À primeira vista e ao avaliar a fachada principal, portanto, a casa Cunha pode ser interpretada como uma construção simples e térrea, em madeira.

Aproveitando-se do desnível do terreno de cerca de sete metros, Zanine criou acessos paralelos em rampa, que levam à área de lazer e à piscina pela lateral esquerda, e em degraus, pela lateral direita, que conduzem à cozinha e às áreas de serviço. No pavimento semi-enterrado que cria, o arquiteto propôs originalmente uma

planta aberta, integrada à área verde, em que aparecem livres os robustos pilares em Carapanaúba dispostos em grelha. O vão livre idealizado por Zanine neste pavimento, pode ser interpretado como um espaço em pilotis, o que evidencia a releitura de aspectos da arquitetura moderna nas obras rústicas em madeira realizadas pelo arquiteto.

Atualmente, o espaço foi isolado por portas de correr em vidro, que não interferem na leitura espacial proposta por Zanine, apesar de a área anteriormente imaginada como livre ter sido transformado em uma sala de ginástica.

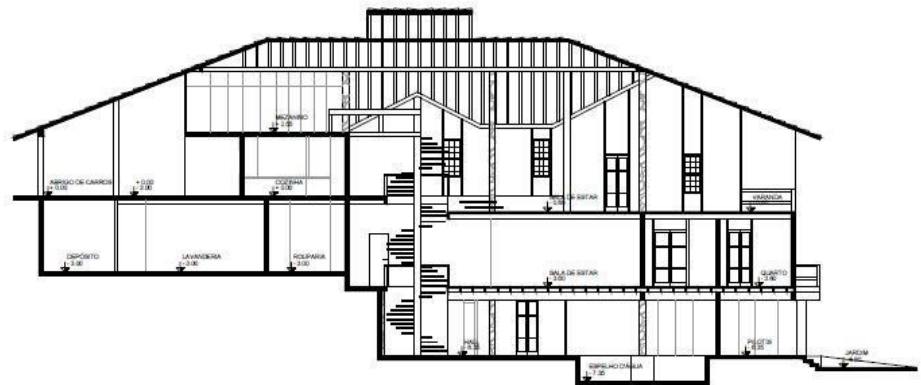


Figura 14: Corte longitudinal da Casa Cunha. Fonte: Elaborado pela autora.

#### 4.2 Composição arquitetônica: forma, proporção e volumetria

O partido da Casa Cunha é resultante da associação de duas formas hexagonais, em planta, que têm como elemento conector entre si a escada quadrangular locada no eixo imaginário traçado entre elas, conforme indicam as plantas baixas (figura 14). A inclusão de varandas pontiagudas em algumas faces da planta hexagonal rompe a rigidez das fachadas, mas no projeto original de interiores, o arquiteto explorou as diagonais resultantes das arestas da fachada para compor ambientes internos.

O volume da residência tem maior peso no pavimento intermediário, já que as vedações opacas evidenciam a planta

hexagonal, como mostram as fachadas lateral direita e posterior. Já no primeiro pavimento, no entanto, o volume é contrabalanceado, uma vez que as vedações recuadas em relação aos limites da planta que conformam as varandas diminuem a materialidade nas fachadas. Neste pavimento, a leitura volumétrica da planta hexagonal é garantida pelo posicionamento de pilares metálicos esbeltos em cada ponta das arestas.

Com a liberação do pavimento semi-enterrado em pilotis, o arquiteto também reduziu o impacto visual da construção, que hoje é, de certa forma, afetado pela construção posterior da área de ginástica, que os proprietários optaram por vedar com esquadrias em vidro temperado.

Em termos de proporção, existe também uma ligeira diferença entre as alturas, já que o pé-direito no pavimento semi-enterrado é menor que os pés-direitos nos demais níveis da residência. Graças à topografia, na fachada posterior, essa leitura só é visível a curta distância, na medida em que próximo ao lago, a casa parece se erguer em apenas dois níveis como mostra a figura 13. Essa percepção é reforçada ao se observarem os pilares maciços em Carapanaúba em diferentes localidades na residência. No salão principal, aparecem esbeltos e esguios. Já na sala de ginástica, são robustos e aparentam ter maior diâmetro.

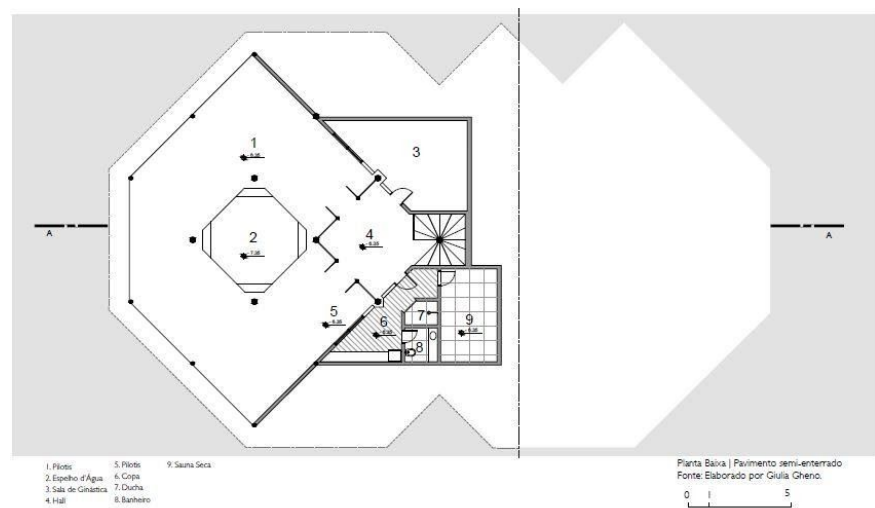




Figura 15: Plantas baixas da Casa Cunha. Na sequência, pavimentos semi-enterrado, térreo e superior. Fonte: Elaborado pela autora.

### 4.3 Expressão estrutural: modulação e ritmo

Assim como nas demais casas, na Residência Cunha, Zanine cria uma modulação que norteia toda a interpretação estrutural da construção. Em cada uma das arestas que conformam a planta em duplo hexágono da residência, foram locados pilares que auxiliam na leitura espacial da construção, além da função estrutural que desempenham. No primeiro pavimento, os pilares metálicos em seção circular são esbeltos e sustentam a cobertura. Como relatou a proprietária, Zanine sugeriu a pintura desses pilares em “azul

horizonte”, de modo que as estruturas tivessem o mínimo de intervenção na leitura da paisagem a partir da residência.

Já no pavimento térreo e no semi-enterrado, as colunas de sustentação periféricas são peças em ipê de 10x30cm de seção, conectadas entre si a partir de vigas na mesma madeira, também visíveis entre os pilares metálicos do primeiro pavimento. As vigas em madeira no semi-enterrado também ajudam a estruturar as lajes em concreto armado. No primeiro pavimento e no pavimento térreo, um segundo anel estrutural é marcado por outros pilares em ipê de seção 10x30cm.

O grande diferencial da Casa Cunha, e talvez a marca pela qual é reconhecida, no entanto, se dá pelo anel central conformado pelas colunas em Carapanaúba. São peças em madeira maciça de 1m a 1,5m de diâmetro e de cerca de 12m de altura, que foram instaladas íntegras na obra, com o auxílio de guindastes, como mostra a figura 15. No pavimento superior, as robustas peças garantem maior pé-direito, já que sustentam a parte mais alta da cobertura.

Devido ao partido hexagonal, as fachadas são simétricas e muito similares, de modo que o ritmo é invariavelmente definido pelos pilares metálicos do pavimento superior e em madeira, dos pavimentos inferiores. As esquadrias com venezianas em madeira natural também estão igualmente espaçadas nas fachadas.





Figura 16: Sequência de fotos da construção da casa, que evidenciam os pilares de Acariquara maciça. Fonte: acervo particular da família Cunha.

#### 4.4 Coberturas e forros

A geometria da cobertura da Casa Cunha acompanha o desenho hexagonal duplo definido pelas plantas baixas. Os limites da construção são recuados em relação aos da cobertura em beirais de cerca de um metro.

Estruturada pelos pilares em Carapanaúba, ao centro, e pelos pilares circulares metálicos nos limites, a cobertura é em quatro águas e com telhas coloniais, apesar da impressão das diversas inclinações que a leitura a partir do salão principal garante. Um jogo de caibros e de vigotas em madeira escura conforma painéis quadrangulares que conectam os pilares (figura 16) na parte mais central da cobertura. Já na área periférica das varandas, vigas em ipê conectam os pilares metálicos conformando tesouras em madeira que auxiliam na sustentação dos beirais, também apoiados por peças triangulares em madeira.

Os forros têm um desenho primoroso em tábuas de madeira mais clara em dois tons, que, intercaladas entre si, são um detalhe à parte na residência. As peças foram posicionadas em alturas diferentes, no contato com as vigotas em madeira escura, de modo

que o encontro entre suas arestas conformam um jogo de zigue-zague e de claro e escuro, como mostra a figura 16.

Logo acima da escada quadrangular, ponto importante de junção entre os dois hexágonos que conformam a planta da residência, Zanine inseriu um lanternim, que garante iluminação e ventilação natural aos ambientes na sala. Os lanternins são elementos muito frequentes em projetos do arquiteto realizados após a década de 1980.

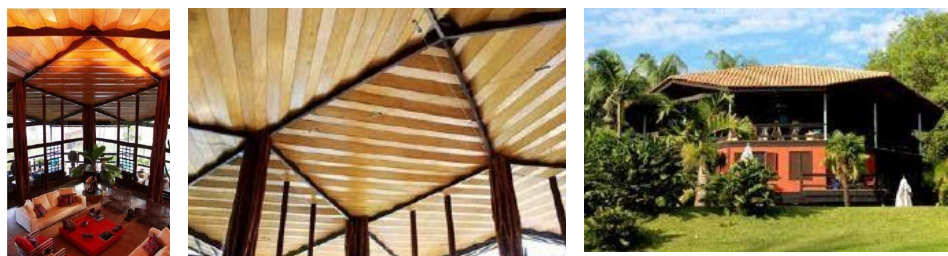


Figura 17: Detalhes de forros internos e dos pilares em Carapanaúba. Detalhe dos beirais na imagem da fachada posterior. Fonte: Elaborado pela autora.

#### 4.5 Vedações e detalhamentos

A diferente intenção da leitura da residência a partir das fachadas se dá, principalmente, pela opção por vedações variadas em cada pavimento. No pavimento superior, as varandas são conformadas por painéis em vidro incolor cuja modulação é definida por peças em ipê tanto vertical quanto horizontalmente. No módulo central de cada vão, o arquiteto posicionou esquadrias emolduradas por quadrados em madeira em painéis do tipo guilhotina, para garantir ventilação natural ao salão principal.

O pavimento térreo é opaco devido aos fechamentos em alvenaria que delimitam áreas íntimas como banheiros, quartos e salas. As esquadrias nesse pavimento são em venezianas em madeira escura, que também colaboram para o maior isolamento das fachadas. Nas varandas íntimas de cada um dos quartos, as portas também são em estrutura em madeira escura com venezianas. No

projeto original de Zanine, as paredes externas e internas deveriam receber acabamento em pintura texturizada clara, de modo que as estruturas em madeira fossem as principais protagonistas na leitura das fachadas. No entanto, em reforma recente, os proprietários optaram por pintar as paredes no tom vermelho que aparece nas fotos.

Em outras áreas na casa, como espaços de serviço, fechamentos de áreas de lazer e de cômodos como cozinha e quartos de serviço, locados principalmente nas fachadas lateral direita e principal, o arquiteto desenha esquadrias que também são vistas em outros projetos como NA Casa Cunha Campos. São painéis de vidro alongados e emoldurados por peças em madeira de seção retangular girados em 45 graus.

A variedade de cores, texturas e sombras na casa Cunha se dá pelos diferentes materiais empregados na construção, que também são responsáveis pela composição de espaços extremamente elegantes e ricos em termos de materialidade. Os pilares em Carapanaúba são os principais elementos que marcam a casa Cunha e foram mantidos em estado natural inclusive em áreas molhadas como banheiros e na cozinha.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A originalidade e a versatilidade dos projetos de Zanine estão relacionados ao histórico de vida do arquiteto e às experiências pessoais e profissionais que teve em seu percurso. De maneira geral, a arquitetura de Zanine está vinculada à tradição construtiva e à historicidade pela reprodução e reinterpretação de soluções antigas em suas concepções.

O uso da madeira e a grande variedade de soluções empregadas em seus projetos garantem não apenas a riqueza plástica e o domínio da técnica, como evidenciam o pensamento crítico do arquiteto frente a questões como a preservação e o respeito ao material e à natureza.

A construção em madeira enseja uma leitura pré-determinada. As árvores têm dimensão finita, assim como as peças estruturais que delas derivam, e esse limitador físico conduz a um tipo de linguagem em que a rusticidade é naturalmente esperada. De certa maneira, Zanine desconstrói essa percepção ao fazer uso das madeiras como elementos tanto estruturais quanto ornamentais em seus projetos, com particularidades e diferenças em cada obra.

A dualidade da obra de Zanine também está presente na relação entre solidez e leveza, muito evidente ao comparar os três projetos apresentados neste artigo. A simplicidade com que propôs soluções que valorizam o pertencimento ao local e que priorizam a integração dos edifícios com a paisagem, especialmente no que diz respeito à implantação, revela a sensibilidade no trabalho do arquiteto. Ao mesmo tempo, a complexidade de seu pensamento se reflete nas elaboradas soluções construtivas dessas mesmas obras que, à distância, parecem levemente implantadas em seus terrenos.

De maneira geral, fica sempre evidente a modulação, talvez devido aos limitantes dimensionais definidos pelos vãos de pilares e vigas. Então, apesar do aspecto rústico das construções, que muitas vezes são compostas de elementos que lembram a arquitetura colonial, pode-se afirmar que a leitura das casas de Zanine, em termos de módulos estruturantes e da composição arquitetônica, corresponde à lógica cartesiana da análise de projetos tipicamente modernos. Evidencia-se, portanto, a complexidade da análise de seus projetos, em que é possível estabelecer a conexão entre a técnica e o estilo de construção tradicionais e a definição de espaços e lógicas estruturais modernas.

## Referências

- ALVES, Taís de Moraes. **Madeira na arquitetura moderna brasileira**. São Paulo, 2014. Trabalho de conclusão de curso. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo.
- BASTOS, Maria Alice; ZEIN, Ruth. **Brasil: Arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- BERRIEL, Andrea. **Madeira como material de projeto no Brasil moderno**. In: Madeira: primitivismo e inovação na arquitetura moderna do cone sul americano 1930-1970, 2010. Porto Alegre.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- CARVALHO, Amanda B. P. **Projetar e construir com madeira: o legado de José Zanine Caldas**. São Paulo, 2018. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- CHAIM, Giselle M. C. **O mestre, a madeira e a habitação: Residências de Zanine Caldas em Brasília 1963-1985**. Brasília, 2017. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília.
- Plano Piloto 50 anos: Cartilha de Preservação**. Brasília, DF: IPHAN / 15a Superintendência Regional, 2017. 103p.: il.; 16cm.
- METRÓPOLE (2016). **Cine Brasília exhibe "Amor e Desamor", drama filmado na capital em 1966**. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/entretenimento/cinema/cine-brasilia-exibe-amor-e-de-samor-drama-filmado-na-capital-em-1966>>. Acesso em: 13/05/2017.
- ROSSETTI, Eduardo. **Arquiteturas de Brasília**. Brasília: Instituto Terceiro Setor, 2012.
- SEMPER, G. **The Four Elements of Architecture and other writings**. 1ª edição (Tradução H. F. Mallgrave e W. Herrmann). New York: Cambridge University Press, 2012.
- SILVA, Suely Ferreira da. **Zanine: Sentir e Fazer**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1995, não paginado.
- TAVARES, G. **Amor e Desamor**. Tela Brasilis e Imagem Tempo, 1966. Disponível em: <DVD - Resgate da Obra de Gerson Tavares>. Rio de Janeiro: Cinedistri, 1966. (70min), ficção, sonor p&b.
- ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. 5ª edição (Tradução M.I Gaspar e G. M. de Oliveira). São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996.

## Resumo

O presente artigo aborda a documentação da arquitetura construída em madeira em Brasília, por meio da apresentação de três casas projetadas e construídas por Zanine Caldas. Arquiteto autodidata, artesão e moveleiro, Zanine foi professor da Universidade de Brasília e morou na cidade entre 1959 e 1964, onde construiu mais de vinte residências em madeira. Apesar de pouco estudados e publicados, seus projetos em Brasília são o registro de uma história construída em madeira na capital de concreto armado. As residências apresentadas neste artigo correspondem a exemplares das décadas de 1960, 1970 e 1980 e foram classificadas a partir da definição de características mais representativas do estilo do arquiteto: implantação e domínio

do terreno; composição arquitetônica: partido, proporção e volumetria; expressão estrutural: modulação e ritmo; coberturas e forros; vedações e detalhamentos.

**Palavras-chave:** Zanine Caldas. Arquitetura residencial. Brasília. Arquitetura moderna. Madeira.

## Abstract

This paper deals with the documentation of the architecture built in wood in Brasilia, through the presentation of three houses designed and built by Zanine Caldas. Self-taught architect, craftsman and furniture maker, Zanine was a professor at the University of Brasilia and lived in the city between 1959 and 1964, where he built more than twenty timber residences. Although few works study his works, the projects in Brasilia are the record of a history built in wood in the capital of reinforced concrete. The residences presented in this article correspond to examples from the 1960s, 1970s and 1980s and were classified based on the definition of most representative characteristics of the architect's style: implementation and domain of the land; architectural composition: proportion and volume; structural expression: modulation and rhythm; roofings and ceilings; external enclosures and details.

**Keywords:** Zanine Caldas. Residential architecture. Brasilia. Modern architecture. Timber constructions.

## Resumen

Este artículo aborda la documentación de la arquitectura construida en madera en Brasilia, a través de la presentación de tres casas diseñadas y construidas por el arquitecto Zanine Caldas. Autodidacta, artesano y fabricante de muebles, Zanine fue profesor en la Universidad de Brasilia y vivió en la ciudad entre 1959 y 1964, donde construyó más de veinte residencias de madera. Aunque pocos sean los estudios de sus obras, los proyectos en Brasilia son el registro de una historia construida en madera en la capital del hormigón armado. Las residencias presentadas en este artículo corresponden a ejemplos de los años 1960, 1970 y 1980 y se clasificaron según la definición de las características más representativas del estilo del arquitecto: implementación y dominio del terreno; composición arquitectónica: proporción y volumen; expresión estructural: modulación y ritmo; techos; y cerramientos externos y detalles constructivos.

**Palabras clave:** Zanine Caldas. Arquitectura residencial. Brasília. Arquitectura moderna. Madera.